
O uso do arquétipo do herói por Jair Bolsonaro na Campanha Presidencial de 2018 e sua influência no público eleitor¹

Maria Eduarda Petek de Figueiredo²
Juremir Machado da Silva³

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

Frente à vitória do então candidato filiado ao PSL Jair Messias Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2018, após uma contraditória e polêmica campanha, busca-se neste artigo investigar as ferramentas psico-discursivas possivelmente exploradas, de forma inconsciente ou consciente, na construção da narrativa eleitoral de Bolsonaro. Para este fim, é realizada uma Análise de Discurso da campanha do atual presidente, tendo como base a Abordagem Discurso-Mitológica, cujo objetivo é identificar características arquetípicas em narrativas contemporâneas, e a interação entre mitologia, discurso e ideologia. Para esse fim, é avaliada uma *live* realizada pelo então candidato quanto a presença de elementos do monomito, a jornada do herói, na construção da sua narrativa eleitoral, e a sua dinâmica com elementos do discurso.

Palavras-chave

Discurso; Arquétipo; Herói; Inconsciente Coletivo; Jair Bolsonaro.

1 Introdução

O presente artigo busca identificar o uso da narrativa mitológica construída pelo atual presidente Jair Messias Bolsonaro durante sua campanha presidencial em 2018, e sua dinâmica com o discurso e a ideologia adotadas pelo então candidato. Bolsonaro faz parte de um movimento conservador e direitista que, desde as eleições de 2014, vem ganhando força no cenário político brasileiro. As bancadas do "Boi, Bíblia e Bala", como explicam Cioccarri e Persichetti (2018a, p.202), foram conquistando seu espaço

¹ Trabalho apresentado na IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XVI Jornada de

² Graduanda do curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e-mail: maria.petek@edu.pucrs.br

³ Orientador do trabalho. Professor do curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e-mail: juremir@pucrs.br

com um discurso baseado na "percepção de que o contexto social está marcado por uma crescente e constante insegurança e desordem pública radical". O auge desse movimento veio a se concretizar nas eleições presidenciais de 2018, que levou o candidato pelo Partido Social Liberal a assumir o cargo.

Porém, no caso de Bolsonaro, é possível identificar questões específicas de sua trajetória eleitoral que merecem ser analisadas para além de uma tendência mundial, e mesmo nacional. Com apenas oito segundos de propaganda na televisão, Bolsonaro elegeu-se contrariando a preferência por candidatos com maior espaço de propaganda eleitoral em meios de comunicação. Apesar das pequenas aparições na programação oficial, seu nome surgia constantemente nas manchetes de jornais ou em postagens nas redes sociais, especialmente relatando suas declarações polêmicas. Mais do que se posicionar de maneira estratégica no cenário político, uma vez que não foi o único a fazer oposição ao governo vigente, Bolsonaro construiu uma narrativa eficiente de apelo passional, conquistando não só eleitores, mas seguidores.

Diante da aparente incoerência, este trabalho busca compreender a forma como o discurso de Jair Bolsonaro foi eficaz e apelativo diante do cenário social e político, especialmente em seu caráter passional. Nesse sentido, são destacados dois elementos, a construção de uma narrativa heroica, e a sua interação com o discurso e a ideologia. O principal objetivo é gerar uma melhor compreensão da relação entre o discurso político, o jornalismo e a sociedade. Além das forças do cenário contemporâneas a um fato, há uma série de outros elementos imateriais e subjetivos que influenciam desfechos na sociedade. A relação entre a comunicação e o ser humano vai além da racionalização de palavras estampadas no papel ou na tela de seus celulares, pronunciadas no rádio ou na televisão. Ela é mais profunda, e menos racional do que se pode imaginar, reside no inconsciente coletivo, cujo modo de percepção passa pela identificação de arquétipos, e leva a reações passionais no "amago" do ser humano.

Para isso, é utilizada como metodologia de pesquisa a Abordagem Discurso-Mitológica (*DMA*), apresentada pelo professor e pesquisador britânico Darren Kelsey (2017) no livro *Media and Affective Mythologies: Discourse, Archetypes and Ideology in Contemporary Politics*. Ela tem por base as teorias sobre mitologia, arquétipo e inconsciente coletivo segundo o conceito trabalhado por Carl Jung (1976, 2000), e explorado posteriormente por Joseph Campbell (1949, 1990). Apoiando-se no trabalho desses dois autores, Kelsey incorpora uma dimensão psico-discursiva à análise de

discurso, através da qual investiga as estruturas mitológicas e arquetípicas que compõem um texto, as quais tem um eficiente efeito apelativo.

O intuito não é fazer uma análise crítica e ideológica do discurso, porém utilizar a metodologia de Kelsey para descobrir, na definição de Juremir Machado da Silva (2015), as configurações que instigam a resposta e envolvimento do público. O imaginário é esse “reservatório afetivo de imagens” (SILVA, 2015, p. 67), que podemos relacionar diretamente com a ideia de arquétipo utilizada por Kelsey, apropriado pelos indivíduos para embasar e projetar suas motivações. Ele possui duas características: ser líquido, fluído, e ter uma alta capacidade de cristalização. Logo, descobrir um texto de seu imaginário é retirar essa cobertura cristalizada, analisando cada camada para mostrar seu processo de criação e funcionamento.

2 Inconsciente Coletivo, Mitologia e Política

Os estudos de análise psicológica de Carl Gustav Jung possuem uma dimensão coletiva que incluída à pesquisa cultural e comunicacional pode trazer novos caminhos muito interessantes. O ser humano percebe e traduz o mundo através de diferentes instrumentos biológicos, como a visão, o tato, o olfato, paladar, mas tudo isso passa de um significado objetivo para subjetivo através da psique. De acordo com Lacan⁴ (1998, apud JORGE; TRAVASSOS, 2018), constituem a realidade humana três dimensões, das quais interessa pontuar duas delas, que compõem a psique. A primeira é a simbólica, que corresponde à fala e à linguagem. Essas duas capacidades são a manifestação do inconsciente. A segunda dimensão é a do imaginário, vinculada a questões do "eu", o narcisismo segundo Freud, e do "eu" com o outro.

Jung afirma que a psique é munida de um consciente individual, onde reside o ego; e também um inconsciente pessoal, no qual residem conteúdos reprimidos pelo primeiro. Haveria também o inconsciente coletivo, uma estrutura compartilhada de forma universal entre os seres humanos, a qual funciona como um modelo primordial de funcionamento, captação e percepção (JUNG, 1976). De acordo com o autor, a diferença entre o inconsciente pessoal e o coletivo reside em que o primeiro depende essencialmente de experiência pessoais para existir. Já o segundo jamais esteve no

⁴ LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

consciente, e dessa forma seus conteúdos não foram adquiridos individualmente, "mas devem sua existência à hereditariedade" (JUNG, 1976, p. 59, tradução nossa).

O inconsciente coletivo é responsável por armazenar os arquétipos, "fôrmas" definidas para conteúdos psíquicos, que atuam de maneira ativa sem precisar passar para um estado consciente. Eles são temas mitológicos, cuja natureza não é uma forma definida, mas a sua potencialidade, assim como os instintos. Jung compara, "há uma boa razão para supor que os arquétipos são as imagens inconscientes dos próprios instintos, em outras palavras, que eles são os padrões de comportamentos instintivos" (1976, p.61, tradução nossa). Esses componentes psíquicos possuem a capacidade de controlar e mediar os comportamentos comuns e experiências psíquicas típicas dos seres humanos.

Os conteúdos do inconsciente coletivo podem ser expressos através de mitologias, narrativas cujo enredo - e não o conteúdo - e simbologia se repetem ao redor do mundo e através do tempo, e que falam das "necessidades, instintos e potencialidades do ser humano" (JUNG, 1976, p.22, tradução nossa). Segundo Campbell (apud JUNG, 1976), os mitos utilizam símbolos contemporâneos a sua criação como imagens através das quais os temas arquetípicos são exibidos nos mitos. Yuval Harari (2014) chama as mitologias de "cola misteriosa", e argumenta que não são os genes que criam uma sensação de ordem e cooperação entre estranhos (HARARI, 2014), porém são as histórias, através das quais atua a mitologia e seus arquétipos. Logo, a narrativa mitológica atua através de expressões de linguagem, representações, experiências e ideologias arquetípicas, sendo um produto afetivo, fruto do estímulo dos arquétipos que repousam no inconsciente coletivo (JUNG, 1976) e que influenciam a mente e as emoções humanas

Na Abordagem Discurso-Mitológica, Kelsey aponta três conceitos centrais para compreender a ação das mitologias na contemporaneidade, são eles: mitologia, discurso e ideologia, considerados distintos, porém sobrepostos. Apoiando-se em Roland Barthes (1993), Jack Lule (2001) e Christopher Flood (2002), ele explica que o discurso é um meio pelo qual se veicula uma ideologia em uma forma mitológica, enquanto a ideologia assume um papel de modelador do discurso. A diferença entre mito e discurso está em o mito incluir a emoção, o drama, à mensagem, sendo ele a imagem desse sentimento. Ao ligar-se às pessoas através do arquétipo e inconsciente coletivo, o mito estabelece uma conexão que as leva a sentirem que fazem parte deste drama, pois fala

de seus próprios anseios. Ligação essa que é a força dos mitos políticos (BOTTICI, 2007 apud KELSEY, 2017).

A dimensão mitológica e sua função psicológica é enriquecida com a análise das práticas afetivas, segundo Margareth Wetherell (2012), considerando que o efeito do mito como narrativa reside na identificação desses tipos psicológicos e em uma reposta emocional. Kelsey (2017) considera na Abordagem que o afeto público, em seus processos e produção de sentido, é amplamente comunicativo, e está ligado diretamente à semiótica e práticas discursivas. O discurso é capaz de alimentar as trocas sociais, assim como os elementos afetivos nutrem as práticas discursivas.

Para Kelsey (2017) as práticas afetivas são definidas como processos e interações que provocam emoções, e são capazes de comunicar informações com um sentido mais amplo, sentimentos pessoais e valores sociais. Os autores divergem no entanto quanto a abordagem dos temas que vão para além da semiótica e relações de cultura e poder, uma vez que Wetherell nega tudo aquilo que é considerado "não-representativo", aquilo que está abaixo da contemplação consciente (KELSEY, 2017). A Abordagem Discurso-Mitológica considera ambos os elementos, representativos e não representativos, argumentando que afeto e discurso estão intimamente ligados, e que, dentro do que Wetherell chama de uma "teoria mais viva", cabe ampliar a abordagem para outros conceitos de práticas comunicativas - no caso, a dinâmica psico-discursiva entre arquétipos e mitologias.

2.1 O Arquétipo do Herói

Para embasar a análise psico-discursiva, são pontuadas neste sub-capítulo as principais características da Jornada do Herói, segundo os estudos de Joseph Campbell (1949, 1990). É importante ressaltar que normalmente as narrativas possuem mais de um arquétipo manifesto, contudo, este trabalho, assim como de Kelsey (2017), foca em apenas uma dimensão da construção de Jair Bolsonaro, o monomito.

Campbell foi um dos grandes estudiosos sobre os mitos universais, e utilizava a análise psicológica segundo Carl Gustav Jung para compreender o mistério das narrativas do ser humano. O autor apresenta em *O herói de mil faces* os diferentes estágios que caracterizam a jornada do herói, comparando os enredos de diferentes mitos orientais e ocidentais. Não há um modelo único para a Jornada do Herói, e para

nenhum outro arquétipo, como o autor coloca: "as mudanças que permeiam a escala simples do monomito desafiam a descrição. Muitos contos isolam e ampliam grandemente um ou dois elementos típicos do ciclo completo [...]" (CAMPBELL, 1949).

Esta jornada possui uma unidade nuclear na qual se baseia, a fórmula dos rituais de passagem, definida em separação-iniciação-retorno. O rito representa um marco para a mudança, ele traz iluminação, amadurecimento, evolução. A principal tarefa do herói é trazer a mudança, romper com a cristalização do momento, tendo em vista que o tirano, seu inimigo, é aquele que conserva, que utiliza a seu benefício o poder e posição que detém, e nesses se agarra. O tirano "pensa ser sua a força de que dispõe" (CAMPBELL, 1949), enquanto o herói é aquele que descobre dentro de si a força da Divindade maior, e assim dela dispõe.

Para alcançar essa unidade e completar a transformação de sua sociedade, o herói precisa passar por uma série de estágios, os quais são citados neste trabalho os seguintes: o "chamado à aventura", o "auxílio sobrenatural", a "passagem pelo primeiro limiar", o "ventre da baleia", o "caminho de provas", a "sintonia com o pai", a "apoteose" e o "retorno".

É importante destacar anteriormente à análise que algumas questões são centrais dentro dessas etapas: a predestinação do herói e a característica contemplativa de sua jornada - ou seja, não é um exemplo a ser seguido pois não seria possível ao homem comum; o desapego ao ego e ao eu pelo bem de todos, sendo representado inclusive dentro do "ventre da baleia" pela automutilação - como na narrativa Jesus Cristo; fé no Pai, ou Força Superior, mesmo diante das provações e ira desta figura; a proteção garantida por essa mesma figura; o desapego à ideia de um único povo merecedor da misericórdia, contemplando a todos os seres vivos; a conclusão como o retorno para trazer iluminação ao povo que era dominado pelo tirano.

3 O Fenômeno Bolsonaro: o Mito nas Redes

Em sua campanha eleitoral de 2018, Bolsonaro personificou a vivência da classe média, em seus anseios e medos; um público que vinha desde 2013 emergindo em participação e relevância eleitoral. A compra de uma encenação ocorre de maneira

diretamente proporcional à identificação gerada através das mídias. É o que Schwartzberg (1978, p.2) chama de poder figurativo:

Como expressão autêntica da nação, do povo e do partido. Como seu símbolo. Esse dirigente *figura* o poder: ele o *representa* sob uma forma visível. O dirigente *encarna* o poder: reveste-o de um corpo carnal, atribui a essa abstração uma forma humana, material e sensível.

E todo espetáculo necessita de um palco para apresentar-se, um mediador da comunicação humana. Um meio, um meio técnico e uma técnica. A internet, as redes sociais e a sedução, se assim puder ser resumida a estratégia de Bolsonaro. Moura e Corbellini (2019) citam Dick Moris ao falar do quão estratégico pode ser dominar uma nova tecnologia. Eles citam os casos de Roosevelt, e a aplicação do tom de intimidade através do rádio, assim como Kennedy e a exploração da imagem pela transmissão televisiva.

Bolsonaro, já em 2017, encontrava um público extremamente receptivo nas redes, chegando em 2018 já com mais de 6,7 milhões de seguidores em seus perfis do *Facebook*, *Twitter* e *Instagram* (CIOCCARI; PERSICHETTI, 2018b). Em 2018, de acordo com dados da Datafolha sobre o horário eleitoral⁵, as mídias pelos quais o público entrava em contato e se informava sobre candidatos demonstrava uma mudança significativa. Entre os eleitores do PSL, os mais utilizados eram programas jornalísticos na TV (35%), as notícias em jornais e revistas online (33%) e as notícias no *Facebook* (31%). Para esses dois últimos índices, a média geral entre o público era de 22 e 21 pontos percentuais. Seguindo a tendência de transição da esfera pública para a esfera pública interconectada (RUEDIGER; et al., 2014, apud FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 2018) e usufruto da tecnologia de forma diária, a disputa política travada por Bolsonaro foi centrada nesses meios de interação social online.

Por esse motivo, é analisado neste artigo a narrativa de um dos vídeos publicados pelo então candidato em sua página do *Facebook* no dia 16 de setembro de 2018⁶, contemplando o momento que pode ser considerado o mais impactante da corrida eleitoral de Bolsonaro. Foi o primeiro pronunciamento realizado após sofrer um

⁵ Disponível em: <http://datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/2018/09/1981453-horario-eleitoral-ja-foi-visto-por-64.shtml>

⁶ **Após atentado Bolsonaro fala ao público pela primeira vez.** Publicado originalmente página do *Facebook* de Jair Bolsonaro, disponível no canal do *YouTube* Jair Bolsonaro [S. l.: s. n.], 28 jul. 2018. 1 vídeo (20 min 8 seg). Disponível em: www.youtube.com/watch?v=Flil1gISOQQ. Acesso em: 23 mai. 2020

atentado com faca dez dias antes, em Juiz de Fora, durante um comício de sua campanha eleitoral. Este conteúdo é visto como o mais carregado de características arquetípicas do herói, tendo em vista sua carga emocional, e a extensão da narrativa, que é a mais longa entre os vídeos publicados na plataforma no período da disputa pela presidência. O objetivo é entender se Bolsonaro utilizou, consciente ou inconscientemente - aqui isso não faz diferença - a sinergia entre mitologia, discurso e ideologia assim como proposta por Kelsey (2017).

Analisando a *live*, o próprio atentado, inserido na narrativa de forma indireta e ambiental, é uma etapa da jornada do herói, podendo ser comparada ao momento do "ventre da baleia", o qual fala de uma morte-e-ressurreição. Campbell (1949) inclui neste tema inclusive uma ligação com a automutilação como forma de superação do ego pelo bem de todos, como na crucificação de Jesus Cristo, pelo perdão dos pecados da humanidade, ou o esquartejamento de Osíris, para o nascimento de um novo mundo.

A *live* começa com Eduardo Bolsonaro, filho de Jair, atualizando os *viewers* do estado de saúde do pai. Ao enquadrar o candidato para que possa conversar com seus eleitores, o cenário é dramático. Bolsonaro está deitado, usando uma sonda nasogástrica, com o rosto pálido e cansado. A situação se opõe a sua imagem de homem vigoroso e de falas energéticas. Ele é colocado como homem comum e atingível, aproximando-o do povo e distanciando-o da imagem de entidade divina ou política. Essa primeira situação é um importante mecanismo do discurso populista, no caso de Bolsonaro, um discurso populista de direita. Em questões mitológicas, Campbell (1949) destaca também a importância dessa aproximação ao público, ou ao "povo", adaptada aos anseios do homem ao longo de sua modernização, que já não precisa de heróis divinos, mas um modelo vivo a ser contemplado, uma lenda viva.

O seu sofrimento reforça o auto-sacrifício para salvar o "povo". Em seu objetivo de defender os interesses e a integridade desse conjunto de pessoas que o apoiam e se sentem representadas por ele, Bolsonaro coloca seus interesses e integridade pessoal de lado. Essa é uma tarefa essencial para que o personagem central de um monomito atinja o seu valor como herói. O tema é recorrente em seus pronunciamentos. No vídeo analisado, essa percepção é reforçada ao explicar seu procedimento de emergência, o qual "durou aproximadamente três horas, onde dois litros de sangue foram drenados". Logo após, ele afirma:

Mas a questão atual que está em jogo não é o meu futuro. Vivemos um momento que o que vai estar em jogo é o futuro dos 200 e poucos milhões de brasileiros, um pouquinho lá fora também. Para onde está partindo o Brasil? Eu dou graças a Deus de eu ter chegado onde cheguei. Como disse, ou vinha dizendo em palestras ao longo de três anos, onde adotei aquela máxima que seria a nossa bandeira. Peguei um versículo bíblico, João 8:32: 'conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará'.

Ele segue sua narrativa, criando a ameaçadora figura de Lula como um carcerário revoltado, pronto para executar uma forma de golpe, discurso que evoca o medo nos eleitores. A criação do "inimigo nacional", como se refere a Lula, projetando nele a sombra coletiva da sociedade de condenação da corrupção, é uma importante ferramenta do discurso populista, reforçada por, e que no mesmo momento também reforça, a narrativa mitológica do herói. A missão do salvador é muitas vezes "destronar" um líder que já foi libertador e agora é tirano. O herói vem trazer mudança para o mundo cristalizado pelos caprichos e interesses pessoais daquele que acredita ser sua a força da qual dispõe, e não do ser divino responsável pelo destino. O candidato intensifica o seu ataque a Lula ao dizer que ele, como um dos maiores medos do "povo brasileiro", é ainda superado por outro. De acordo com Bolsonaro, "que tão ou mais grave que a corrupção, é a questão ideológica". Logo, ele vem trazer a mensagem que irá libertar o "povo" da tirania e retirar o véu que os impede de enxergar a verdade.

Em muitos momentos do vídeo que seguem esse primeiro há o uso da retórica populista. Bolsonaro expressa e representa, como a figura carismática, a raiva do "povo", que demanda uma participação mais direta para si, e um menor controle por parte dos representantes políticos, em protesto contra a sobreposição dos interesses individuais desses agentes representativos sobre os interesses do "povo". O "povo" é uma massa de difícil definição, mas que está unido pela oposição a um "outro" que os ameaça (PELINKA, 2013). No discurso de Bolsonaro, o "outro" é considerado a classe política que mina os direitos do "povo", os políticos corruptos, representados principalmente pelo PT.

"Eles", além de roubarem, protegem "delinquentes", "criminosos" e "estupradores" pela sua política de esquerda, e por isso, o "povo" de bem que apoia Bolsonaro é aquele que se sente ameaçado pela insegurança do país e que se sente extorquidos pela classe política. São famílias de cultura cristã que abominam certos traços culturais representados pelas minorias de esquerda; e/ou empresários que se

sentem castrados pelo excesso de burocracia e taxações, enquanto os políticos gozam do enriquecimento corrupto; pais de classe média e média alta que temem pela segurança de seus filhos nas ruas, ameaçados pelos "delinquentes protegidos pela esquerda". Esse heterogêneo "inimigo nacional" é do que Bolsonaro tem a missão heroica de proteger o "seu povo" de forma messiânica, e que foi centrado na figura da esquerda política.

Bolsonaro então retoma o início de sua jornada, na qual identifica como ponto de partida a reeleição de Dilma Rousseff, em 2014. Ele desperta para algo dentro de si ao testemunhar uma série de sinais que já não poderia negar. Suas constantes citações a temas religiosos e exposição de sua fé levam a entender indiretamente que essa iluminação tem raízes na figura divina do Deus cristão. De acordo com o seu relato, naquele momento, ele pensa consigo mesmo: "não podemos esperar 2018 porque o Lula vem candidato, eles não vão sair mais daí. Olha como tá o Brasil, para onde estamos indo, em todos os aspectos, sem exceção?". Esse despertar dá início a sua jornada, que levará a um processo de nascimento ou morte. No caso de Bolsonaro, a sua candidatura é a jornada, e a libertação do país através de sua eleição é o nascimento do novo tempo.

O candidato então elenca as suas humildes circunstâncias, que o colocariam em desvantagem inicial:

E aí, sozinho em casa, resolvi: 'Eu vou vir candidato em 2018. Mas eu preciso de um partido político, não vou ter apoio quase nenhum da imprensa. O partido político vai ser um partido pequeno, porque os partidos médios e grandes fazem seus negócios. Não vou ter tempo de televisão. Se crescer um pouquinho em pesquisa, vão tentar me destruir. Vou seguir essa ideia, vou embora.

Essa circunstância deficiente é característica da jornada do herói, fatores que para outros poderiam ser determinantes e significar a derrota como desfecho. Contudo, não são um obstáculo para o herói, uma vez que ele é o predestinado. Apesar de sua perseverança frente a um cenário pouco promissor ser um sinal de uma bravura diferenciada, o herói não é considerado como tal apenas pela empreendimento de seus atributos, mas o é por ser "o escolhido" dentre tantos.

Bolsonaro coloca que a sua candidatura não foi uma escolha feita baseada em sua vaidade, mas respondendo a uma intervenção divina, que através de Bolsonaro busca enviar uma mensagem de salvação. Se triunfante, não será o apenas pela vontade do povo, mas principalmente pela vontade de Deus. Por isso, frente a tantas provações, inclusive uma facada, ele sobrevive e continua sua jornada até o fim. Apesar de ser

necessária uma aproximação com as pessoas comuns, quanto mais miraculosa a jornada do herói, mais ele se torna um objeto de contemplação, do que um simples exemplo que pode vir a ser seguido. O tema fica mais claro ao final do vídeo, quando ele afirma que:

[...] mas digo uma coisa muito importante, que me mantém vivo aqui, obviamente é Deus e a família maravilhosa que eu tenho. [...] Continuo pedindo a Deus força, sabedoria, para que, se essa for a vontade de Deus de fato, nós possamos juntos levar o Brasil para um porto seguro e colocar essa pátria maravilhosa num local de destaque no cenário mundial. Meu muito obrigado. Brasil acima de tudo, Deus acima de todos.

O slogan, a última frase da citação acima, demonstra uma clara mescla do discurso populista de direita e conservador, e a construção mitológica. O "povo" é colocado como destaque, inclusive quando ele fala anteriormente que "nós possamos juntos". Além da máxima de Bolsonaro ser o interesse da nação, o "povo" de amor legítimo à pátria, o candidato dá poder a esse conjunto de pessoas. Contudo, sempre com a vontade divina acima de todos, legitimando assim seu discurso para um público ampla e profundamente cristão e conservador. Em uma perspectiva mitológica, reforça a mensagem ao abordar a relação do herói e o poder divino, que é elevado e justo; além de destacar que sua jornada se dá pelos interesses coletivos, e não particulares.

Após o despertar de 2014, seu primeiro trabalho como herói no combate à tirania do grande inimigo é o desmantelamento de uma rede de falsificação do voto eletrônico. A missão do herói é revestida de um discurso populista quando toca na representatividade do "povo". Se o objetivo do populismo é dar maior representatividade ao "povo", em detrimento da categoria política, o comprometimento do sistema de votação é de grande ameaça, pois seria o último canal de interferência e/ou influência da sociedade na classe dirigente. De acordo com Bolsonaro, a adoção do voto impresso seria a "única garantia que nós tínhamos, em 2018, de dizer que quem votou no João, vai contar com o João, quem votou na Ana, ou na Maria, vai para a Maria. Dilma Rousseff vetou o nosso projeto. Vetou o nosso projeto, nós derrubamos o veto". Dilma e toda a classe que se coloca ao seu lado representam então a ameaça à soberania do "povo".

De acordo com Bolsonaro, o Supremo Tribunal Federal acatou uma ação de Raquel Dodge, procuradora-geral da República, segundo o argumento de que o voto

impresso não era seguro. Bolsonaro responde com um, ou dois, "Pelo amor de Deus. Pelo amor de Deus. Não temos nenhuma garantia nas eleições". O então candidato, pelo uso da expressão "pelo amor de Deus", coloca como absurda a posição da procuradora, e complementa dizendo que a segurança do voto está comprometida na eleição. Essa grande oposição aos ideais de Bolsonaro é parte integrante do discurso populista, que traz um representante que defende ideais muitas vezes negligenciadas ou consideradas inadequadas pelos setores dominantes. Assim como na narrativa do herói, na qual de forma recorrente apresentam-se momentos de hostilidade contra o protagonista pela defesa de seus ideais e objetivos.

Perigo, claro, presidido pelo PT e representantes de governos de esquerda sul-americanos. De acordo com Bolsonaro, além de tentar vetar o projeto de lei em 2015, a então presidente Dilma teria criado uma "Unidade Técnica Eleitoral Sul Americana", que na verdade se tratava do Conselho Eleitoral da União das Nações Sul-Americanas. Era uma forma de controle de resultados eleitorais. A citação da participação do bloco sul-americano, e outra referências negativas a países com governos ou regimes de esquerda, reforçam também a ideia de ataque aos interesses nacionais por forças estrangeiros.

Outro assunto recorrente em sua narrativa é a perseguição e criticismo por parte da imprensa. O tema aparece em diferentes intensidades ao longo de sua corrida eleitoral, mas é igualmente inserido como uma força cujo o foco é desqualificar e atrapalhar o candidato em sua jornada. A figura heroica é colocada em face desse obstáculo de forma recorrente, a crítica e menosprezo de suas ações e ideais, tendo em vista que a sua missão é justamente desconstruir e libertar a população de pensamentos cristalizados. Na narrativa dessa *live*, Bolsonaro fala:

Então, essa possibilidade de fraude no segundo turno, talvez até no primeiro, é concreta, jornalistas pensem sobre isso. Claro que quero eleger meus amigos deputados federais. Vocês lembram quando eu falava lá atrás, ninguém queria aprovar projeto. A imprensa malha em mim, desce o cassete em mim 'nunca aprovou projeto nenhum, não produz nada no Congresso'.

Nela, Bolsonaro apresenta um discurso menos agressivo contra a imprensa. Em um momento de clara fragilidade, ele explora esse seu estado, e busca empatia. Tanto que ele afirma lutar pela liberdade de expressão desses profissionais, que estaria sendo ameaçada pelo PT. Bolsonaro se dirige aos jornalista dizendo:

[...] ninguém mais do que eu tem consideração para com vocês. Se vocês lerem com atenção os dois documentos, dentre outras barbaridades, vocês vão ver lá claramente escrito que o PT vai buscar sim o controle social da mídia. Vocês vão perder a liberdade. Sei que nem todos tem hoje em dia, mas quem tem alguma liberdade vai perder completamente essa liberdade.

Esse momento de "misericórdia" com aqueles que o atacam, ou opõem, é uma outra característica da narrativa heroica, a apoteose. É a última demonstração de desapego ao ego, que vai além do auto-sacrifício, e chega em uma parte mais subjetiva, as ideias e julgamentos do personagem principal. Para ser um legítimo herói, é necessário se despir de preconceitos e entendimentos limitados do que é o seu povo, compreendendo que todas as criaturas são filhas do Pai. Dessa forma, além de demonstrar misericórdia e empatia pela imprensa, com quem trava uma verdadeira guerra, apresenta compaixão aos apoiadores do PT, dizendo que "o que está em jogo no momento é o futuro de todos vocês que estão aí. Até de você que apoia o PT, eu vejo muito petista mudando de lado".

4 Considerações Finais

Em seu pronunciamento após a facada, o então candidato busca ressaltar a sua missão, e aproveitar o momento de intensidade emocional para conquistar a empatia do público. Ele reforça toda a sua trajetória, intenções e objetivos como candidato à presidência, reforçando de maneira fortemente emotiva as circunstâncias do país e do setor político e social.

De maneira geral, a imagem do herói Bolsonaro é construída como um homem simples, sem pompa - o que o diferencia da classe política -, próximo ao "povo" em linguagem, anseios, postura, o representando de forma direta. Além disso, a fragilidade, seja física, como no episódio do atentado, ou seja quanto às suas falhas, é também uma forma de se aproximar. Essa é uma característica dos heróis contemporâneos, adaptados aos anseios da sociedade em que se inserem. A jornada precisa ser próxima o bastante para ser credível e causar empatia, mas minimamente miraculosa para que não seja reproduzível para um cidadão comum.

Nesse sentido, Bolsonaro é capaz de aguentar a forte desvantagem na "partida" da corrida, as constantes oposições e críticas feitas pela classe política, que dificultavam a conclusão de seus objetivos que visavam a garantia da soberania e direitos do "povo",

e dos constantes ataques "sujos" e desmedidos da imprensa. Além disso, não poderia um homem comum derrotar o grande tirano Lula, e enfrentar um sistema corrupto inteiro. Por último, sobreviver a uma facada e seguir como única preocupação o "povo" e sua liberdade roubada pelos políticos de esquerda e suas bases de governabilidade compradas. É preciso algo diferente, uma obstinação sobre-humana, protegida e guiada de maneira especial e divina.

Sendo assim, segundo a metodologia adotada par a análise deste trabalho, a narrativa do herói se faz característica na construção da imagem de Bolsonaro, e contribui na construção do discurso populista do candidato e na expressão de suas tendências ideológicas de direita. Considerando a teoria que embasa este trabalho, o arquétipo do herói contribuiu com seu efeito sobre a psique e as emoções do ser humano. Dessa forma, é possível afirmar que ele cumpriu com o objetivo de impulsionar a narrativa da campanha eleitoral do candidato, que se viu eleito mesmo com tantos fatores técnicos e culturais que previam a sua não aceitação, e consequente derrota.

5 Referências

BARTHES, Roland. **Mythologies**. London: Vintage, 1993.

BOTTICI, Chiara. **A philosophy of political myth**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1949. Disponível em: <https://projeto-phronesis.files.wordpress.com/2009/08/joseph-campbell-o-heroi-de-mil-faces-rev.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2020.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Pallas Athena, 1990.

CIOCCARI, Deysi; PERSICHETTI, Simonetta. A política e o espetáculo em Jair Bolsonaro, João Doria e Nelson Marchezan. **Revista Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo**, São Paulo, ano 09, v.02, n.18, p. 177 - 200, jul./dez. 2018a. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/147321/141613>. Acesso em: 3 mai. 2020.

CIOCCARI, Deysi; PERSICHETTI, Simonetta. Armas, ódio, medo e espetáculo em Jair Bolsonaro. **Revista Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo**, São Paulo, ano 09, v.02, n.18, p. 201 - 214, jul./dez. 2018b. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/144688/141608>. Acesso em: 3 mai. 2020.

FLOOD, Christopher. **Political myth**. New York: Routledge, 2002.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS - DIRETORIA DE ANÁLISE DE POLÍTICAS PÚBLICAS FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. **Sala de Democracia Digital: #observa2018**.

Policy Paper 1. Rio de Janeiro: FGV DAPP, 2018. Disponível em:
https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/25737/Redes-Sociais-nas-Elei%c3%a7%c3%b5es18_Policy%20Paper%201.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 12 mai. 2020.

HARARI, Yuval. (2014). **Power and imagination**. Disponível em:
<https://www.ynharari.com/topic/power-and-imagination/>. Acesso em: 26 abr. 2020.

JORGE, Marco Antonio Coutinho; TRAVASSOS, Natália Pereira. **Transexualidade: O corpo entre o sujeito e a ciência**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

JUNG, Carl Gustav. **The portable Jung**. Tradução: Richard Francis Carrington Hull. New York: Penquin Books, 1976.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vizes, 2000.

KELSEY, Darren. **Media and Affective Mythologies: Discourse, Archetypes and Ideology in Contemporary Politics**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2017.

LULE, Jack. **Daily news, eternal stories: The mythological role of journalism**. New York: Guilford Press, 2001.

MOURA, Maurício; CORBELLINI, Juliano. **A eleição disruptiva: Por que Bolsonaro venceu**. Rio de Janeiro: Record, 2019. E-book.

PELINKA, Anton. Right-Wing Populism: Concept and Typology. In: WODAK, Ruth (ed.); KHOSRAVINIK, Majid (ed.); MRAL, Brigitte (ed.). **Right-Wing Populism in Europe: Politics and Discourse**, Londres: Bloomsbury Academic, 2013. p. 3-22. Disponível em:
<https://www.bloomsburycollections.com/book/right-wing-populism-in-europe-politics-and-discourse/ch1-right-wing-populism>. Acesso em: 6 mai. 2020.

SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. **O estado espetáculo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1978.

SILVA, Juremir Machado da. **O que pesquisar quer dizer: Como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da Capes**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

WETHERELL, Margaret. **Affect and emotions: A new social science understanding**. London: Sage, 2012. E-book.